

O COMMERCIO DE SÃO PAULO

FOLHA IMPARCIAL

ANNO I

ASSIGNATURAS:
CAPITAL, anno 188000
INTERIOR, anno 208000
EXTRANGUEIRO, anno 458000
Pagamento adiantado

Sexta-feira, 27 de Janeiro de 1893

PUBLICAÇÕES:
ANUNCIOS, linha 80 réis
SEÇÃO LIVRE, linha 120 réis
AVISOS 300 réis
Pagamento adiantado

NUMERO 9

EXPEDIENTE

O Escripção e as
officinas desta folha
estão na rua 15 de No-
vembro, 11.

A venda avulsa fa-
ze-se em toda a cidade
e na Agência Jorna-
listica, á travessa do
Commeio, 6.

Numero do dia, 100
réis, numero atrazo-
do, 200 réis.

São agentes desta
folha, incumbidos-se
de receberem assi-
gnaturas e publica-
ções:

NO RIO DE JANEIRO,
o sr. Antonio Tolmo,
rua do Ouvidor, 63 —
sobrado.

EM SANTOS, o sr.
Luiz de Mattos, rua
Vinte e Cinco de Mar-
ço, 35.

PALESTRANDO

É possível que se diga já, tantas são as
nossas sucessivas palestras, que fallam
pelos cotovellos. Considerem, por-
tante, meus senhores, que se trata do meu
assumpto, que é preciso esclarecer por
completo.

Não é só o prazer — que é grande — de
conversarmos com o collega, que me
prende a este debate. É necessário am-
putar sempre, e com urgencia, do meio
social, em que possamos desenvolver, como
plantas venenosas ou daminhas, as
idéias falsas, com que se pode demorir
muito bem a tranquillidade do meu povo,
mas com que se não pôde edificar, em re-
gra, o mais insignificante resguardo so-
cial.

Ora o thema pseudo-philosophico,
destrahido aos quatro ventos do Brazil
pela *Patria Italiana* — é tudo o que ha
de mais inexacto — no campo da pre-
tendida applicação — quer se aprehe o
ponto de vista historico — mas veridico
— quer se considere como problema
de momento ou como doutrina social e
democratica.

Não contestamos que a musica dou-
trinaria da *Patria* — agrade aos que en-
tram... Não somente a julgamos detestá-
vel para os que nunca entraram, pela
simples razão de... terem nascido cá.

Para que se veja até onde nos leva-
riam os preconceitos pseudo-sociaes do
nosso estavel collega, a cuja pena, fi-
nalmente litteraria, prestamos a homena-
gem que mereço, preconceitos tão des-
abridamente revolucionarios, que pode-
riam muito bem denominar-se, no seu
conjuncto, um catheismo de discórdias
que supponho, o intuito, de quem os procla-
ma, fosse o de transportar para o Brazil
— da *Patria Italiana* — mais alguma co-
isa — do que esse titulo jornalístico, des-
tinado a matar... e saudados os que, tão
longe della, vivem e labutam, com ap-
lasmo e sympathia da nação generosa
e amiga, que os hospeda e recebe — para
que se veja até onde nos levariam estes
preconceitos, vamos transcrever um
novo trecho da folha, a que nos reportam-
os.

Fallando do Brazil, declara o collega:
«... não existe povo, mas uma terra
il populó si povo, man mano
che l'emigrazione arriva, man mano
che u questo plaghe si andrà
europée. E quando delle varie razze
europée. E quando la fusione sarà
completa... allora solo si potrà dire
che esiste il popolo brasileiro... Quindi
qui non si può trattare ancora di con-
servare, ma di creare.»

O que transportado para a lingua
do Pedro Alvares Cabral, José Bonifá-
cio de Andrada, D. Pedro I, mare-
chal D. Rodrigo e Benjamin Constant,
(do proposito não fallo em Camões)
quer dizer, pouco mais ou menos, o
seguinte:

— (No Brazil) não existe um povo
mas uma terra. O povo vai-se for-
mando a pouco e pouco, uniformo os
saldos, que lhe trouxer a emigração e
a medida do sangue que se lhe mis-
turar com o das varias raças euro-
paeas. E tão somente, quando a fusão
se completar, e que se poderá dizer
que existe o povo brasileiro.

O sublinhado é novo e sem pontos
de admirção, por não caberem
nesta folha os que tinhamos destacado
para guarda do honra desta mais que
extraordinária affirmativa.

— Portanto aqui (no Brazil) não se
trata de conservar (continua o collega)
fallando do povo brasileiro) mas de
criar.

Não podemos resistir, estimavel con-
frade. E por isso ali ficam perli-
dos os seus cinco pontos de admirção,
chamando ainda por *Santa Barbara*.

EXPEDIENTE

O Escripção e as
officinas desta folha
estão na rua 15 de No-
vembro, 11.

A venda avulsa fa-
ze-se em toda a cidade
e na Agência Jorna-
listica, á travessa do
Commeio, 6.

Numero do dia, 100
réis, numero atrazo-
do, 200 réis.

São agentes desta
folha, incumbidos-se
de receberem assi-
gnaturas e publica-
ções:

NO RIO DE JANEIRO,
o sr. Antonio Tolmo,
rua do Ouvidor, 63 —
sobrado.

EM SANTOS, o sr.
Luiz de Mattos, rua
Vinte e Cinco de Mar-
ço, 35.

PALESTRANDO

É possível que se diga já, tantas são as
nossas sucessivas palestras, que fallam
pelos cotovellos. Considerem, por-
tante, meus senhores, que se trata do meu
assumpto, que é preciso esclarecer por
completo.

Não é só o prazer — que é grande — de
conversarmos com o collega, que me
prende a este debate. É necessário am-
putar sempre, e com urgencia, do meio
social, em que possamos desenvolver, como
plantas venenosas ou daminhas, as
idéias falsas, com que se pode demorir
muito bem a tranquillidade do meu povo,
mas com que se não pôde edificar, em re-
gra, o mais insignificante resguardo so-
cial.

Ora o thema pseudo-philosophico,
destrahido aos quatro ventos do Brazil
pela *Patria Italiana* — é tudo o que ha
de mais inexacto — no campo da pre-
tendida applicação — quer se aprehe o
ponto de vista historico — mas veridico
— quer se considere como problema
de momento ou como doutrina social e
democratica.

Não contestamos que a musica dou-
trinaria da *Patria* — agrade aos que en-
tram... Não somente a julgamos detestá-
vel para os que nunca entraram, pela
simples razão de... terem nascido cá.

Para que se veja até onde nos leva-
riam os preconceitos pseudo-sociaes do
nosso estavel collega, a cuja pena, fi-
nalmente litteraria, prestamos a homena-
gem que mereço, preconceitos tão des-
abridamente revolucionarios, que pode-
riam muito bem denominar-se, no seu
conjuncto, um catheismo de discórdias
que supponho, o intuito, de quem os procla-
ma, fosse o de transportar para o Brazil
— da *Patria Italiana* — mais alguma co-
isa — do que esse titulo jornalístico, des-
tinado a matar... e saudados os que, tão
longe della, vivem e labutam, com ap-
lasmo e sympathia da nação generosa
e amiga, que os hospeda e recebe — para
que se veja até onde nos levariam estes
preconceitos, vamos transcrever um
novo trecho da folha, a que nos reportam-
os.

Fallando do Brazil, declara o collega:
«... não existe povo, mas uma terra
il populó si povo, man mano
che l'emigrazione arriva, man mano
che u questo plaghe si andrà
europée. E quando delle varie razze
europée. E quando la fusione sarà
completa... allora solo si potrà dire
che esiste il popolo brasileiro... Quindi
qui non si può trattare ancora di con-
servare, ma di creare.»

O que transportado para a lingua
do Pedro Alvares Cabral, José Bonifá-
cio de Andrada, D. Pedro I, mare-
chal D. Rodrigo e Benjamin Constant,
(do proposito não fallo em Camões)
quer dizer, pouco mais ou menos, o
seguinte:

— (No Brazil) não existe um povo
mas uma terra. O povo vai-se for-
mando a pouco e pouco, uniformo os
saldos, que lhe trouxer a emigração e
a medida do sangue que se lhe mis-
turar com o das varias raças euro-
paeas. E tão somente, quando a fusão
se completar, e que se poderá dizer
que existe o povo brasileiro.

O sublinhado é novo e sem pontos
de admirção, por não caberem
nesta folha os que tinhamos destacado
para guarda do honra desta mais que
extraordinária affirmativa.

— Portanto aqui (no Brazil) não se
trata de conservar (continua o collega)
fallando do povo brasileiro) mas de
criar.

Não podemos resistir, estimavel con-
frade. E por isso ali ficam perli-
dos os seus cinco pontos de admirção,
chamando ainda por *Santa Barbara*.

José Maria Lisboa

Chega hoje do Rio este nosso prezado
collega do *Diario Popular*, jornalista
distintissimo e um excellentissimo coração,
cuja primorosa qualidades ha muito
lhe granjearam a estima publica e o
affecto de todos os collegas.

Retomando o seu posto de honra, aper-
tando-lhe affectuosamente as mãos, de-
sejando-lhe a elle e ao seu *Diario*, todas
as possíveis prosperidades.

Saíram-se em S. Carlos do Pinhal,
disparando uma garrafa no ouvido,
Alfredo José de Carvalho, moço de 22
anos de idade.

A morte foi instantanea.

Foram passadas cartas de coheirao
aos seguintes cidadãos:
Cavallio Domingos, Antonio Sapleone,
Alberto Senzini, Nicola Estable, An-
tonio Frederico, Genaro Brazili, Miguel
Rodondo, Felice Parolia, Giuseppe Da-
lia e Antonio Marco.

O CORREIO

O serviço da administração dos corre-
ios, nesta capital, está longe, mesmo
muito longe, de corresponder á impor-
tancia do seu commercio e da exigen-
cia de sua população laboriosa.

Algumas reclamações que temos
pessoalmente dirigido ao senhor admi-
nistrador dos correios, têm sido prom-
tamente attendidas.

Esta circumstancia inspira-nos a con-
fiança precisa para reclamarmos di-
versas reformas que podem ser reali-
zadas immediatamente, pois dependem
apenas da boa vontade daquelles dig-
nos funcionários.

— A mudança do horario para a che-
gada do expresso do Rio não dá tempo
a que a distribuição da corresponden-
cia seja feita a horas do ser entregue
aos destinatarios, porque o edificio do
correo se fecha cedo de mais para uma
cidade populosa como esta.

A distribuição da correspondencia de
Santos e do interior também se faz de
modo ruinoso e incommoativo, com os
interesses do commercio, da imprensa
e do publico em geral.

Essa deficiência do serviço é talvez
devida á insufficiencia do numero de
empregados.

Convém, portanto, augmental-o, pois
que esse numero deve corresponder ás
exigencias do serviço.

— A entrega da correspondencia regi-
strada, quasi sempre mais importan-
tante e mais urgente que a ordinaria,
ainda se faz de modo mais lastimavel.

Os avisos são collocados nas caixas
postaes, quasi sempre, depois da reti-
rada da correspondencia ordinaria, e
quem recebe o aviso depois das 6 ho-
ras da tarde, fica impossibilitado de
retirar o seu registro nesse mesmo dia,
porque se fecha a secção respectiva ás
6 horas.

E não é tudo.
Aos domingos não se abre essa sec-
ção! Os empregados levam tão longe
o seu *ferro religioso* que — apesar do
não ser feriado official o dia de ante-
ontem — aquella repartição não se di-
gna desobedecer ás suas portas.

— Isto é um verdadeiro cumulo!
O serviço dos telegraphos e o das
repartições postaes não pôde ser pre-
terido pela igreja, nem obedecer aos
feriados officiaes.

E para que o trabalho não seja ex-
cessivamente sobre os empregados, de-
vem existir turnos que se revezem.
O publico e principalmente o com-
mercio é que não podem continuar a
ser prejudicados com a má organização
de um serviço que paga a sua custa.

Pedimos e esperamos que o sr. admi-
nistrador do correo attenda — como é
de justiça — estas nossas reclamações.

Noticias de Campinas

Ante-hontem, em uma casa de barbeiro
do largo da Liberdade, Luiz Figueira,
estando a limpar a roupa que vestia, deu
com a escurva no gatilho de um revolver
que trazia á cinta. A arma disparou, e
vendo-se uma bala na coxa esquerda de
Figueira.

O Clin Secusani realisa no dia 28
proximo uma partida.
— As irmãs de S. José pretendem fun-
dar ali um grande collegio para meni-
nas, á imitação do Collegio do Nossa Se-
nhora do Carmo, em Ita.

O dr. intendente de hygiene, em
acordado publicado pelo *Diario de*
Campinas, garante que continua muito
favoravel o estado sanitario da cidade.

Telegraphos recebido hontem nesta
capital trouxe a noticia do falleimen-
to do dr. Lycurgo dos Santos.

O finado militou sempre no partido
republicano, tendo occupado uma ca-
deira de senador no congresso deste
estado.

Pezames.
Falleceu hontem o sr. commendador
Manoel Antonio do Britencourt, antigo
negociante nesta praça.

A familia do finado possui pos-
sua.

E' SABBADO...
... a extracção da loteria de São
Paulo, cujo grande premio é de...
24.000.000.

Extracção da loteria de 2 horas da
tarde de hoje, e sabemos que os
bilhetes têm encurralado muito.

São 24.000.000. Creemos que já
se serve.

CORREIO FLUMINENSE

Rio, 22 de Janeiro

Asmodem, o demônio arguto, que
tudo vê, que tudo copia, que emen-
tha tudo, é o deus familiar dos chro-
nistas. Talvez vos pareça estranho que
eu chame deus a um demônio havido
como dos peiores, mas devo observar
aos meus leitores que o satanismo é
hoje uma religião — tem os seus sa-
cerdotes, tem os seus sacerdotes, tem os
seus rituaes — Satan, sob a forma
satyrica de um bode negro, recebe, com
a mesma circumspecção, tão admi-
rada nos santos, a sua grey re-
verente: homens que vão cantar o
palatino depravado dos amores, mu-
lheres convexas que escalanjam nos
pés do altar infame batendo nos pe-
tos, nús, desgrenhadas, accessas em
delirio erotico, declamando a apologia
dos crimes, enquanto o officiante vo-
luctuoso se lança a hostia impura, in-
vestindo Jesus, invectivando Maria, para
exaltar a gloria do espro sordido. E
uma religião o satanismo não é muito
pois que eu chame a um deus de
malos proximos diabolos — deus. Scholl
offerece-lhe hostias, Segnier tem, no
fundo da sua garyoniére, um altar
iluminado, onde o trefego diabo rece-
be todas as manhas hominagens e offe-
rendas: Biliac, o incompensavel que, entre
nós, tem o sceptro da chronica e pode
viver tranquillo sem reque de um 15
de qualquer mez, porque actualmente
não vejo quem o substitua — me-
nos que não venha por ali uma revolução
de mau gosto e sem syntaxe para
substituir o estylo e o espirito pela
chalgia e pelo amphiguri. Biliac faz
versos a Asmodem, exultando a flexi-
bilidade da canção, a nitida perfeição
das pontas, a nação esdosa da bar-
bicha caprina e toda essa veneração
artistica, porque Asmodem é o Argu-
ento — o que desmora o collo de Mrs. J.
para dizer que sobre o solo divino,
(oh! o amorosissimo solo) ha um signal
negro circulado por um fio de
cabello louro: elle é que vem dizer
os motivos que levaram o elegante e
fantoso commendador X., sempre tão
demorado e perigoso no seu viver
commoado, a fazer as malas e a ga-
nhar os cambalhos elandestinos em
John, sem apparato e sem adorno
da imprensa; elle é que põe nas
coisas em pratos limpos. Asmodem é
o pai do boato, esse *latin*, e da in-
dignação, essa alvoscizna; tem uma
baetarda — a bilhobilho.

Tenho Asmodem em grande conta-
ja! lhe teci encomios e se ainda não
calhi genocidio diante da arma em que
é venerado, é que tenho um rheuma-
tismo na rotula que me priva de
cumprir exactamente os actos piadosos
da religião. Ultimamente, porém,
Asmodem tem merecido censuras mi-
nhas. Para que diabo foi elle inspi-
rar Saint-Genest e Derradelle, os dois
demolidores de reputações? que lucrão
com essa denuncia cruel? Um
prazer infernal... Lesepe, o velho
Hercules de Suz, alvoscizado e en-
canecido, é arrastado aos tribunales
como criminoso vulgar — a gormearia
de Paris abre alas para deixar
passar o tropeço valedutinario que
faz um novo caminho no mundo — o
premio que dão ao descobridor do no-
vo Sesostris é o banho dos réus; a
barra do tribunal, é o Panteon em
que vem ser glorificado um dos maiores
homens d'este século. A victimas, por-
em, é Lesepe, a verdadeira victimas é
a França republicana. Panamá não é
uma questão financeira, é uma ques-
tão politica; não são os capitalistas
que protestam, são Oricans que tra-
mão e os tribunales da Republica intelli-
gem, enxovalham uma tradição nobre
e digna, concorrendo tacitamente para
a victoria da causa dos reis bandidos
que andam pelos Pyrenios, de bodega
em bodega, conspirando, urdindo, pi-
rando reputações e maciando velhos
para que triumphem a coroa que já uma
vez roçou na praça do Grivo. Que já
uma vez corrou das Tulherias apunhada
e vencida. Poder ser que tenha havido
suborno... mas que culpa tem Lesepe
que a sombra do seu nome se com-
mettam crimes? Que culpa tem o ge-
neral que vendeu que os soldados tre-
malhem das fleiras para saquear as
grangas, para violar e canças? Que
culpa tem a arvore que o assassino
escolhe para abrigar, do assassino co-
varde, do assassino e da infamia á sua
fronza? Não, Asmodem, andaste mal
d'esta vez, e se queres corrigir o teu
erro denuncia os jornalistas, denuncia
os deputados da Boulangue como sub-
ornados pelos Oricans — ancha de uma
vez com a pureza da França, empor-
calha-a, mostrando que ha velha Lou-
ela não ha um só extrator, não ha um
só homem digno, que tudo é pro-
vação e fraude, que tudo é lama,
que tudo é moço, para que entre em
Paris gloriosamente essa familia de
reis bandidos que depravam para con-
quistar, que nodam e poluem para
conquistar. So é Sebastianista, As-

modem, faze a obra limpa — faze um
Satan do caracter: os reis gostam
das hucotombas — tira Lesepe a uma
enxada, ferra uma grilheta aos pés de
Clémenceau, veste com o grosso es-
parto dos galos o correctissimo Carnot,
denuncia toda a gente desde o fau-
bourg Saint Germain até as ruas
escuras da margem esquerda, desde a
velha nobreza até o ultimo gamin e
em frente á Calais estampa um cartaz
funebre: «Cigit la France». Não, As-
modem, fizesse mal e não sou eu quem
diz, é toda gente que tem um pouco
d'alma e um pouco de gratidão — a
França não te merecia essa vilzeza.

Esse triste escandalo preoccupa e
preocupa a attenção do fluminense.
Os assassinos esfaqueiam por divida e
por indulto — um, porque o amigo in-
terviesse a pagar certa quantia, atravessou
a ventre com um punhal; outro,
um fressureiro, esfaqueou um soldado
por motivos que a justiça dirá mais
tarde... o fluminense é a local bo-
candando, que lhe importa o rapto da
pudica donzella Amelia ou Jacynthia?
que lhe importa a prefectura alludida
da que vai arrastando tudo? que lhe
importa a carne a 18000 e os gritos
dos Harbours equinos ao do Baptista
em Malheros? que importa ao burraez
os que pedem *habere corpus*? A attenção
que se volta para a França — que
nos deu este anno Panamá e a *De-facto* —
No visinho estado discute-se a
mudança da capital... Põe-se a cha-
querem uns Theopositos... off a vida
alpestre ter — uma casinha á beira
d'agua chorosa... Outros querem Cam-
pus, off a deliciaisima gormaria! Outros
querem Vassouras, ha clarmente uma
allusão á Impexa... Outros fallam em
Angra dos Reis, é incommoativo... no-
denthe o nome primeiro. Angra dos
Presidentes... mudem-lhe o nome, e
mudem-se... que mal he de dizer? que
estamos com 15° á sombra... off Com
15° á sombra não ha remedio sendo pó-
mos ao fresco...
UI

COELHO NETTO

INTENDENCIA DE HYGIENE E SAUDE PUBLICA
DIA 22 DE JANEIRO

Officio do dr. João Pereira Ferraz, che-
fe da Commissão de Sanitaria do Es-
tado. — Senhores,

A conta da Empresa do *Correio Tande-
rino*, informada pelo secretario, — li-
quidasse o pagamento pela verba *Im-
pressão*.

Dita da Empresa *Pagamento*, informada
pelo fiscal, — Requeiro-se o pagamento
pela verba *Limpeza Publica* conforme
deliberação da Camara.

A Companhia Vição Paicista vai
ser intimada para, no prazo de 10
dias, remover os materiais existentes
no largo do Paysandu e destinados ao
viaducto-garagem da ladeira de S. João.

Pagam inte depressa, para bem do
publico.

A permanencia por mais tempo, de
aquelles materias, além de obstruir e
transito, tem mais este grande incon-
veniente — servir de deposito de im-
mundicias.

Agua! Agua!
Justamente quando ha mais sede,
quando o corpo pede mais lavagens
mais frequentes e recommendadas pela
hygiene; precisamente no momento
em que a abundancia d'agua pode
evitar uma grande calamidade, é que
a Cantareira começa a pingar... quan-
do a pinga.

Ora isto, francamente, na quadra
que atravessamos, é a maior das bar-
lariadas.

Temos ouvido de muitas pessoas
que não podem regularmente fazer
o avelo do corpo pela absoluta falta
d'agua em suas casas.

E preciso, é muito preciso que o
governo providencie sobre o caso,
que possa substituir a agua, quando
utilizada para o banho.

Se temos sede e não ha agua, o
sarcote, a cerveja e outras bebidas
substituem-na com vantagem. Mas e
banho?

Será possível ou admissivel um ba-
no de chopp Bavaria?

O governo deve immediatamente
providenciar, para que a nossa cidade
seja abastecida de muita agua, e este
o que custar e até lá, regularizar
o consumo.

O calor tem sido extraordinario e
uma epidemia qualquer faria aqui mi-
lhões de victimas.

Foram concedidos ao cidadão Anto-
nio de Magalhães, 15 offical da ser-
vicia do interior, mais 2 mezes de li-
cença, em prorrogação.

Solicitaram-se do dr. secretario da
fazenda os seguintes pagamentos:
De 1.000.000, no dr. Francisco de
Sales Gomes, delegado de hygiene do
Rio, pelos serviços extraordinarios pre-
stados aos varicosos durante a
epidemia.

De vencimentos do delegado de hy-
giene do dr. João Maria Carneiro de
Lima, delegado de Jabo, pela respecti-
va collectoria, correspondentes aos me-
ses de Novembro e Dezembro ultimos,
e mais 30 e sobre os mesmos pe-
cunias extraordinarios prestados aos
varicosos.

E esta noite, que é para todos uma
noite de festa de familia, de alegrias
intimas, a sociedade, como tão poe-
ticamente lhe chamam os hespanhees,
foi esta noite não uma noite de
luz, mas de dor, de luto para uma
das familias mais illustres, mais esti-

CARTAS PORTUGUEZAS

Lisboa, 27 de Dezembro.

Meus caros amigos: O dito por não
dito. Nas minhas primeiras cartas ga-
bechei sem restricções o esplendido
verão que se dignara vir passar o in-
verno a este cantinho occidental da
Europa, e ao mesmo tempo que não
me fôrrei a adjetivos gentis e a re-
ferencias amavel para com o bello
sol claro que nos alumiaava em pleno
Dezembro, fui chegando nua delicia
nos se tem se na primeira se na se-
gunda, uma piculha ao Astronomeo
Saragocano, o bordo d'agua que se ve-
nere religiosamente, sem discrepancia
de mito, desde Távira até Monção,
pelo fisco enorme que sob o nosso
ceú azul e limpo floraram desta vez
as suas prophasias do tempestades,
furores, vendavaes e diluvios, com
que elle, ha semanas, nos andava a
caustiar os ouvidos e a fazer tremer
de pavor os guarda-chuvas; mas hoje
não tenho outro remedio senão fazer
siendo humilde, porque finalmente o
propheta saragocano acertou.

Foi tarde, mas, em summa, mais vale
tarde que nunca.

E verdade que jogando sempre no
meio tempo, por força havia de acer-
tar alguma vez: é a questão de telmar
uma das *chances* á roleta.

Numa comedia franceza, de que me
não lembra agora o nome, o que tam-
bém faz nada ao caso, ha um cria-
do ladino, um Prouin do século XIX,
que descebe a manobra certa, infal-
vel, mathematica de ganhar sempre
nas apostas das corridas de cavallos.

E como a eterna historia do ovo do
Colombo, que ha muito tempo des-
cansa refinado da circuloção theoretica,
mas que as festas colombianas pre-
mam agora de novo em moda no ter-
reno estylistico, essa descoberta e tu-
do o que ha de mais simples.

Por exemplo — um premio é dispu-
tado ao mesmo tempo por dez ou vinte
cavallos — é claro que não me refiro
às corridas portuguezas, nas quaes é
muito vulgar o facto de um cavallo
correr sozinho, disputando primazias
emsego proprio. O criado chegava-se
a dez dos amadores mais influentes
em apostas e, chamando cada um de
ver si, davam-lhe o seu palpite, dizia-
se ao ouvido o nome do cavallo que
havia de chegar primeiro.

A esta um dos *des sportmen*, dizia,
está bem do ver, o nome dum caval-
lo differente, e como evidentemente
os dois cavallos havia de chegar
primeiro que os outros, o amador a
quem elle tinha indicado o nome desse
cavallo e tinha por tanto feito gan-
har a aposta, gratificava-o generosa-
mente pelo bom palpite que lhe tinha
dado.

Ora o Astronomeo Saragocano está
antes de tudo o mesmo que fazia o
criado da comedia, e como fatalmen-
te no inverno algum dia ha de chegar,
e elle tem o cuidado de marcar um
largo prazo ás suas prophasias e ao
mesmo tempo arranha a chava com
se dias bonitos, acaba sempre por
acertar, e, em cabendo uma borriola
d'agua numamãh, todos fiam extasi-
dos com o prodigio da vaticinio, e
ritam assemblas, batendo nos pe-
tos: «Só Deus é grande e o Saragoca-
no o seu propheta».

E verdade que desta vez não fo-
ram tão burros como isso; foram
quatro ou cinco dias de chuva paga-
la, chuva a valer, peneirada d'agua
que faziam gemer as pedras da rua,
e não rijo que fazia andar as arvores
numa dança, umas nozezinhas de ver-
vella desafiando que não deixava
abrir os guarda-chuvas e obrigou a
fechar alguns taboas. Na primeira
tarde que em teve a honra de lhes
fingir por intermedio deste excellen-
te jornal, com que a imprensa de S.
Paulo tão brilhantemente estroica o
ano novo, carta escripta na vespere-
la dia de Nossa Senhora da Concei-
ção, notel-lhes em o caso de na vespe-
ra d'un dia que marca de ha tempos
immemoráveis a entrada offical do in-
verno em Lisboa, e a incorporação do
bando de mascaras publicas na vida
de, a noite estava estrelada, tranquilla,
topida, como uma noite de S. João.

Pois o inverno desmorrou-se e des-
forrou o Saragocano desse mau re-
pato e apresentou uma noite do natal
com toda a *mise-en-scene* vendavale-
ca, que o dia 24 de Dezembro rapar,
e quem se aventurava a ir á missa do
gallo, parava a sua almalica com uma
molha condoravel, e quando recol-
heva a casa para a canja da meia noite
teve que avançar para o péssimo en-
candeado como um pinto.

E esta noite, que é para todos uma
noite de festa de familia, de alegrias
intimas, a sociedade, como tão poe-
ticamente lhe chamam os hespanhees,
foi esta noite não uma

A festa de Mr. Pasteur

27 DE DEZEMBRO DE 1892

(Continuação)

Do Figaro:

Terminada a oração de Mr. Dupuy, Mr. d'Abbadie, presidente da Academia das Ciências, proferiu um pequeno discurso, que terminou pelas palavras seguintes: «isto-me fez por ter a honra de vos oferecer, em nome do Instituto de França, esta medalha.»

Abraçam-se então os dois sábios, Abbadie e Pasteur, acclamados nesse momento por toda a assembleia com o mais fervoroso e prolongado entusiasmo.

Pasteur é abraçado em seguida pelos membros da seccão de medicina e cirurgia da Academia das Ciências.

Mr. Joseph Bertrand, secretario perpetuo e Mr. Daubrée, em nome da seccão de mineralogia daquelle Instituto, acclamam por sua vez o grande sabio, sendo o discurso de Mr. Bertrand uma obra prima de encanto, de vivacidade, de bondade e de affecto para com o illustre laureado.

Seguem-se depois o celebre professor Lister, cumprimentando a Pasteur em nome do corpo medico linceo e entregando-lhe uma mensagem do presidente da Sociedade Real de Medicina, de Londres.

Mr. Stanton, presidente conselho municipal de Paris, falla, por sua vez, em nome dos collegas, lembrando que Mr. Pasteur reside em Paris ha 33 annos e que Paris reivindica por isso a honra de o considerar como filio.

Um representante de Dôle, berço de Pasteur, dirige-se então ao mestre com palavras cheias do sentimento e logo depois Mr. Devise, presidente da Associação geral dos estudantes de Paris, manifesta os sentimentos de admiração de seus camaradas, admiração pelo mestre, cuja vida e trabalho deve servir de exemplo à mocidade franceza.

Principiui então a parte mais comovedora desta festa individual.

(Continuação)

Os nossos collaboradores

No nosso numero de hoje publicamos o segundo CONTO DE FUMINER, do distincto e festejado escriptor Coelho Netto, e a primeira carta portugueza do illustre prosador Gervasio Lobato.

Este nosso prezado collaborador, pela sua carta de hoje, dá-nos a conhecer mais uma falcatoria do corral (naturalmente o corral daqui, nem pode ser outro): falia nas precedentes cartas que nos envia, quando a primeira que nos chega de mãos é justamente a que hoje publicamos.

O sempre desasado correio quiz prejudicar-nos a nós, e também aos nossos leitores, que ficaram privados das primeiras chronicas do nosso brilhante collaborador d'alem-mar.

O dr. intendente de Justiça e Policia, em officio dirigido à Intendencia de Obras Municipaes, pediu que a mesma ordenasse ao empreiteiro do calçamento da rua da Liberdade proseguir no serviço até S. Joaquim, com a maxima urgencia, para facilitar o transporte da carne que vem do matadouro e evitar a repetição de occorrendas lamentaveis, como a que se deu ultimamente com o infeliz Francisco Patano.

Solicitou mais este funcionario, à vista da reclamação do fiscal Braga, providencias sobre o calçamento e remoção de terra da rua dos Gumes, ha muito condemnada ao estado miseravel em que está.

Dependendo agora do sr. intendente de Obras concertos tão necessários, esperamos ter em breve as ruas da Liberdade e Gumes perfeitamente transitaveis.

Das Varas, do Jornal do Commercio:

«Está prorrogado, por quatro mezes, o prazo para terminação das obras da Companhia Telephonica S. Paulo e Rio.»

Foram nomeados:

O inspector da alfandega da Parahyba, Valpiano Cavalcanti de Araujo para chefe de seccão da de Santos e o 2º escriptorio da alfandega da Bahia, Ignacio Ribeiro, para idêntico lugar na de Santos.

FOLHETIM (9)

ZYTE

Heitor Malot

TRANSLAÇÃO ESPECIAL DO «COMMERCIO DE S. PAULO»

PRIMEIRA PARTE

III

Elle tinha apenas querido saber de quem seria o ramillete, eis tudo. A cousa não podia mesmo ir mais longe.

No domingo seguinte, se ella não teve coragem para levar o segundo ramillete, todavia não pôde furtar-se ao contentamento intimo de mandar leve-lo, e então passou a mandar ao seu artista, durante tres ou quatro mezes, todos os domingos, o mesmo ramilhetezinho, sem que pelo seu lado Duchatellier parecesse querer conhecer de mais perto a pessoa que o mezeava assim. Apenas, conhecia elle, ládo paleo, e mesmo quando entrava em scena, procurava o seu logar habitual e olhava para ella repetidas vezes.

Uma tarde de junho, esta ido

NOTAS SEM... AGIO

O CLUB DOS GORDOS

Na ultima noite de Dezembro, para comemorar dignamente o derradeiro dia do anno de 92 e o primeiro de 93, deviam de ter-se reunido, segundo estava annunciado, em «fraternal banquete», os assaetados e quatro membros que compõem o «club norte-americano dos homens gordos».

Pertencem ao tén direito a pertencer a esta conspícua e honradíssima corporação todos os cidadãos da livre America, que tenham um peso minimo consideravel, prefixado pelos estatutos sociais, e disponham, além d'isto, de vencimentos ou rendimentos assaz respeitaveis.

Para poder tomar parte nas sessões academicas do club, é indispensavel ter boa posição social, — pois que essas sessões consistem principalmente em comer e beber de maneira atroz. Um gordo sem appetite faria alli um papel tristissimo, o os pontos que se abstem de tomar parte nas reuniões gastronomicas da maioria são objecto de justo desprezo, por parte dos seus confrades e forçados a demittir-se.

E' claro que um pobre gordo se vê impossibilitado de fazer parte do tão respeitavel corpo. Como poderia honrar dignamente com os seus conselhos?... e além do papel desaloso, humilhante, que representaria, vê-se frequentemente exposto ao mais cruel dos supplicios: o supplicio do fustão.

A gente obesa de poucos recursos, está, pois, eliminada do club, que não obstante, fez uma excepção em favor de Sam Sowe, — moço carniceiro do New-York, que é de uma gordura maravilhosa, dum appetite inveterado e de qualidades gastronomicas phenomenaes. A fama das suas proezas chegou até os ouvidos dos gordos chubanos e estes, depois de serem testemunhas de alguns factos notaveis, elegeram o socio, dispensando-o da joia e quota, e com o direito de ter tálher à meza das suas deliberações.

O presidente da sociedade é o sr. de maiores meritos, — coisa que não costuma succeder em outras corporações e academias, nos quaes nem sempre o homem mais distincto occupa o primeiro lugar. Mas como o presidente do «Club dos homens gordos» se elegue, depois de consciencioso e pesado, não ha meios de praticar «justicias». A balança não conhece influencias nem recommendações.

Só ha uma que dá com frequencia muito que suspellar, — é a famosa balança da justiça, — mas no sobretudo chub não se servem dessa, embora ali sefaça plena justiça, que, senão é, cecce, é pelo menos rigorosa e verdadeira.

Quanto pesa o actual presidente

actual do club?

Sinto imensamente não ter à vista o numero official de kilos. Sei unicamente que é esmagante, o que, quando o *honorable gentleman* foi pesado no premissa dos seus confrades, estes lhe fizeram a mais estrondosa ovação.

Entre os personagens mais notaveis, de maior peso — seja isto dito extramathematicamente — figuram: um tabelião que não pôde andar, um negociante do azeite, que ha mais de vinte annos não vê a ponta dos pés, e um proprietario do Nova Orleans, que, apesar de ser muito alto, parece um cubo geometrico.

Mas o typo mais curioso, e talvez o mais respeitavel, é um ex-lavador de Luisville, que desde os quinze annos padecia de paralyza geral. Vive imovel, n'uma gigantesca cadeira de rodas, semelhante a uma estupa de bola de manteiga, com oha e boea. A Divina Providencia conservou-lhe a plena posse e mechanismo das suas potentes mandibulas, e o homem come, come, e bebe, bebe, hebe, hebe, tudo quanto mãos alheias e sollicitas approximam das suas imaculaveis faces. Como ha muitos annos não falla, tem tido a vantagem de não ter perdido a locução. Os seus compa-

reiros sentados num banco do boulevard de Clichy, para gôsar um pouco do fresco antes de se receber a casa, (havendo feito um calor enorme durante o dia), vito-o, o seu heroe, que não representava nessa noite. Elle passava diante della, andando leito, a cabeça a tres quantos, como convém quando se quer apertada dentro da sobrecasaca, caminhando com as pontas das pernas para cima, com as pernas para baixo, e Duchatellier, velho, admirado, contemplava, hoje não se paga nada para o ver.

No momento em que ia passando por ella, reconheceu-a, porque elle não dava um passo sem lançar em roda de si um olhar circular, profundamente investigador, que colhia as admirações de todos. Saudou-a, em seguida, após um curto instante de hesitação, sentou-se perto della.

Não lhe foi preciso muito tempo para confessar essa rapariga, cheia de ingenuidade e commoção, a qual, não obstante os seus vinte e cinco annos, era tinda como se tivesse quinze.

Viram-se mais vezes. Elle não a tinha julgado do mesmo modo por que ella se julgava a si mesma; e o que ella chamava de «bem belleza» era mais justamente sem belleza. Era grande, bem proporcionada, forte, com

um rosto bem feito e uma physiognomia, que, na sua placidez, tinha o que que fosse de nobre e distincto. Elle deixava-se tantas vezes amar por mais de uma, que não valia a terceira parte della!

Nesse interim, um primo

que ella tinha na sua terra, morreu, deixando-lhe uns quarenta mil francos. Vendo-a de preto, Duchatellier, que até então não se tinha adivinhado muito, achando graça em divertirse com a innocencia dessa pobre rapariga, mudou de fôrto e a sua linguagem já era outra.

Em vez de continuar o elogio

do theatro e a narração

dos seus triumphos, o que elle

fazia sempre que lhe fallava,

deixou entrever que esses triumphos não eram em realidade o que se imaginava e por fôrto,

e para os obter, era preciso

muito sacrificio, muito sofrimento e só tén na ponta da

língua as palavras dever, con-

sciencia, amizade, sacrificio, abne-

gação, não são realmente na

vida senão uma bigorilha, cheia

de affectação e pedantismo,

não pensando senão no encanto

do seu proprio nome, e fal-

hando unicamente nas suas rui-

nas, nas suas vestimentas, nas

suas cabelleiras, nas suas tintas,

nas suas criações, nos seus

applausos, nas suas conquistas,

enfim, nas suas mil e uma

coisas que elles não têm, mas

que inventam, porque nasceram

intrujes e intrujes não de mor-

rer, mentindo, jurando falso,

calumniando, blasphemando, por

que isso lhes é necessario para

viver como lhes é necessario o

ar que respiram. E por isso é

que elle já andava farto... A

sua existencia não podia mais

SPORT

JOCKEY-CLUB

Apezar dos esforços que reduziram muito o programma, a corrida realisada ante-hontem no Hippodromo Paulistano esteve devesas brilhante.

Todos os parcos foram disputados com verdadeiro interesse no meio do geral enthusiasmo do nosso publico que já vai ligando certa importancia ao nosso turf.

Correram em primeiro lugar Tristão e Brest que com facilidade bateram o seu unico competidor, percorrendo os 1450 metros em 104 segundos.

Poule de Brest, 114/100.

O segundo parco, 1800 metros, foi um verdadeiro match entre Judá e Casulo. Guaraciaba, que também tomou parte no parco, guardou-se para melhor occasião.

Casulo correu sempre 2º, ponta, 2º, segundo sempre pela Judá, que do distanciado ao vencedor pôde batel-o panhando a corrida em 123 segundos. Casulo foi muito bom segundo.

Poules: Judá, em 1º, 138/100 e em 2º, 138/100.

Casulo, em 2º, 138/100.

No terceiro parco venceu com extraordinaria facilidade em 151ª a prodigiosa Bitina, cujo jockey brancou todo o caminho com os adversarios.

Conclui, em vão, fez esforços para alcançar a Bitina, foi batido na chegada pela Roumanie.

Poules: Bitina, em 1º, 138/100 e em 2º, 138/100.

Roumanie em 2º, 138/100.

Princípios, conforme era esperado, venceu com facilidade o 4º parco, percorrendo a milha em 113 segundos.

Pavane, que correu direitinha, alcançou um bom segundo lugar. Farruco fez carreira desastrosa.

Poules: Fructidoros, em 1º, 118/200 e em 2º, 118/200.

Pavane, em 2º, 178/500.

O parco Jockey-Club era para onde convergiam todas as esperanças do publico, avido do apreciar uma corrida cheia de peripetias interessantes como esta promettia.

Ao fechar a poule, Azul era francamente favorito, seguido de D'Artagnan, Evian e Biltz.

Alinhados os animaes, o starter baixou a bandeira cili magnificas condições.

Azul, rapido como uma flecha, rompeu para a ponta, chegando a ter uma vantagem de seis a oito corpos de luz sobre seus competidores. Evian, que corria em segundo da recta opposta, distingiu esta posição a Biltz, travando a lucta remida com D'Artagnan.

Nos 800 metros este ultimo envalentou-se para a ponta, chegando a alcançar o Azul e travando lucta com elle no distanciado, podendo tomar a ponta vencendo com certa facilidade em 149 segundos. Azul foi bom segundo, seguido de Biltz, Evian e Liebreu.

Esta corrida causou grande enthusiasmo pois lucta com que foi disputada por todos os jockeys e pelas suas peripetias.

Poules: D'Artagnan em 1º 318/000 e em 2º 118/700. Azul em 2º 138/900.

No sexto parco Hermes venceu com muito esforço os 1450 metros em 97 1/2 segundos, correndo sempre de ponta.

Uraciaba, na chegada fez entrada alcançando o segundo lugar. Idyllo foi terceiro, seguido de Condor, Crysalida, Compará e Campiello.

Poules: Hermes em 1º 21/000 e em 2º 178/200. Guaraciaba em 2º 148/200.

No sétimo parco Tappyr pulou na ponta mas perdeu-a em quarenta e dois metros depois da sahida, onde foi batido por Huron. Na recta de chegada Brest que corria de alcance ataca o valente representante da coudelaria Estadina que instigado pelo jockey desenvolveu grande velocidade, vencendo muito firme os 1700 metros em 112 segundos.

Brest foi segundo, seguido de Tappyr

e Dolente.

Poules: Brest em 1º 112/000 e em 2º 112/000.

Tappyr em 2º 112/000.

Dolente em 2º 112/000.

Huron em 2º 112/000.

Brest em 2º 112/000.

Tappyr em 2º 112/000.

Dolente em 2º 112/000.

Huron em 2º 112/000.

Brest em 2º 112/000.

Tappyr em 2º 112/000.

Dolente em 2º 112/000.

Huron em 2º 112/000.

Brest em 2º 112/000.

Tappyr em 2º 112/000.

Dolente em 2º 112/000.

Huron em 2º 112/000.

Brest em 2º 112/000.

Tappyr em 2º 112/000.

Dolente em 2º 112/000.

Huron em 2º 112/000.

Brest em 2º 112/000.

Tappyr em 2º 112/000.

Dolente em 2º 112/000.

Huron em 2º 112/000.

Brest em 2º 112/000.

Tappyr em 2º 112/000.

Dolente em 2º 112/000.

Huron em 2º 112/000.

Brest em 2º 112/000.

Tappyr em 2º 112/000.

Dolente em 2º 112/000.

Huron em 2º 112/000.

Brest em 2º 112/000.

Tappyr em 2º 112/000.

Dolente em 2º 112/000.

Huron em 2º 112/000.

Brest em 2º 112/000.

Tappyr em 2º 112/000.

Dolente em 2º 112/000.

Huron em 2º 112/000.

Brest em 2º 112/000.

Tappyr em 2º 112/000.

Dolente em 2º 112/000.

Huron em 2º 112/000.

Brest em 2º 112/000.

Tappyr em 2º 112/000.

Dolente em 2º 112/000.

Huron em 2º 112/000.

Brest em 2º 112/000.

Tappyr em 2º 112/000.

Dolente em 2º 112/000.

Huron em 2º 112/000.

Brest em 2º 112/000.

Tappyr em 2º 112/000.

Dolente em 2º 112/000.

Huron em 2º 112/000.

Brest em 2º 112/000.

Tappyr em 2º 112/000.

Dolente em 2º 112/000.

Huron em 2º 112/000.

Brest em 2º 112/000.

Tappyr em 2º 112/000.

Dolente em 2º 112/000.

Huron em 2º 112/000.

Brest em 2º 112/000.

Tappyr em 2º 112/000.

Dolente em 2º 112/000.

Huron em 2º 112/000.

Brest em 2º 112/000.

Tappyr em 2º 112/000.

Dolente em 2º 112/000.

Huron em 2º 112/000.

Brest em 2º 112/000.

Tappyr em 2º 112/000.

Dolente em 2º 112/000.

Huron em 2º 112/000.

Brest em 2º 112/000.

Tappyr em 2º 112/000.

Dolente em 2º 112/000.

Huron em 2º 112/000.

Brest em 2º 112/000.

Tappyr em 2º 112/000.

Dolente em 2º 112/000.

Huron em 2º 112/000.

Brest em 2º 112/000.

Tappyr em 2º 112/000.

Dolente em 2º 112/000.

Huron em 2º 112/000.

Brest em 2º 112/000.

Tappyr em 2º 112/000.

Dolente em 2º 112/000.

Huron em 2º 112/000.

Brest em 2º 112/000.

Tappyr em 2º 112/000.

Dolente em 2º 112/000.

Huron em 2º 112/000.

Brest em 2º 112/000.

Tappyr em 2º 112/000.

Dolente em 2º 112/000.

Huron em 2º 112/000.

Brest em 2º 112/000.

Tappyr em 2º 112/000.

Dolente em 2º 112/000.

Huron em 2º 112/000.

Brest em 2º 112/000.

Tappyr em 2º 112/000.

Dolente em 2º 112/000.

Huron em 2º 112/000.

Brest em 2º 112/000.

Tappyr em 2º 112/000.

Dolente em 2º 112/000.

